

O “João Gilberto” no palco do patrimônio cultural: sexualidade, gênero e cor/raça nos bastidores do teatro em Juazeiro da Bahia¹

*João Victor Gomes Varjão*²
Universidade de São Paulo

Resumo: O Centro de Cultura João Gilberto, localizado em Juazeiro da Bahia, foi inaugurado em 1986 e é o principal espaço artístico em funcionamento na cidade. Ao longo dos anos, o espaço se tornou importante local de sociabilidade de artistas, principalmente, LGBTQI+ e negros em situação de baixa renda. Defende-se, neste artigo, que o Centro de Cultura João Gilberto pode ser interpretado como um “patrimônio cultural” relacionado a pessoas que são atravessadas por esses marcadores sociais da diferença, especificamente, sexualidade, gênero, raça/cor e território. Nesse sentido, explora-se etnograficamente a relação especial entre o “João Gilberto” e os artistas da região, buscando demonstrar a maneira particular que essas pessoas dão sentido, relacionam-se e se constroem no espaço minoritário.

Palavras-chave: Centro de Cultura João Gilberto; diversidade de gênero, sexual e racial; patrimônio cultural; sociabilidade LGBTQI+; teatro.

GOMES VARJÃO, João Victor. O “João Gilberto” no palco do patrimônio cultural: sexualidade, gênero e cor/raça nos bastidores do teatro em Juazeiro da Bahia. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 9 (19): 119-132, janeiro a abril de 2022. ISSN: 2358-5587

¹ Parte desse artigo é proveniente de reflexões da minha dissertação de mestrado pela Universidade Federal da Bahia (GOMES VARJÃO, 2021), financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

² Doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Cientista Social, graduado pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), em 2018.

The “João Gilberto” on the cultural heritage stage: sexuality, gender and color/race in the backstage of the theater in Juazeiro da Bahia

Abstract: The João Gilberto Culture Center, located in Juazeiro, Bahia, Brazil, inaugurated in 1986, is the main artistic place in operation in the city. Over the years, the place has become an important place of sociability for people, especially LGBTQI+ and low-income blacks. It is argued in this article that the João Gilberto Cultural Center can be interpreted as a “cultural heritage” related to people who are crossed by these social markers of difference, specifically, sexuality, gender, race/color and territory. In this sense, the special relationship between “João Gilberto” and the artists of the region is ethnographically explored, seeking to demonstrate the particular way that these people give meaning, relate to and build themselves in the minority space.

Keywords: João Gilberto Culture Center; gender, sexual and racial diversity; cultural heritage; LGBTQI+ sociability; theater.

El “João Gilberto” en el escenario del patrimonio cultural: sexualidad, género y color/raza en backstage del teatro en Juazeiro da Bahia

Resumen: El Centro de Cultura João Gilberto, ubicado en Juazeiro da Bahia, abrió sus puertas en 1986 y es el principal espacio artístico en funcionamiento en la ciudad. Con los años, el espacio se ha convertido en un importante lugar de sociabilidad para los jóvenes, especialmente LGBTQI+ y negros de bajos recursos. Se argumenta en este artículo que el Centro Cultural João Gilberto puede ser interpretado como un “patrimonio cultural” relacionado con personas que son atravesadas por estos marcadores sociales de diferencia, específicamente, sexualidad, género, raza/color y territorio. En ese sentido, se explora etnográficamente la relación especial entre “João Gilberto” y los artistas de la región, buscando evidenciar la forma particular en que estas personas dan sentido, se relacionan y se construyen en el espacio minoritario.

Palabras clave: Centro de Cultura João Gilberto; diversidad de género, sexual y racial; patrimonio cultural; sociabilidad LGBTQI+; teatro.

“Cara bonita, c* sujo!”: O “João Gilberto” em cena

Dominique Santana, o diretor da Companhia Drama, havia organizado uma feijoada em sua casa, convidando os principais atores do teatro de Juazeiro da Bahia, bem como os contemporâneos, que compunham sua companhia. O motivo da feijoada era anunciar sua candidatura enquanto vereador no ano eleitoral por vir, 2020. A pauta em questão era a arte – ou, como eles disseram: a “bandeira da cultura”. Em sua argumentação, Dominique apontou o descaso dos representantes políticos com as demandas da classe artística, assim como o descaso com o Centro de Cultura João Gilberto, que estava em condições calamitosas. O diretor defendia que um deles – uma pessoa da “cultura” – deveria ocupar a Câmara Municipal, para que eles não dependessem dos outros. No dia anterior, a primeira vez que fui ao campo, encontrei boa parte dos atores no “João Gilberto” – como é abreviado nas conversas – para a gravação de um vídeo em campanha para a reforma do espaço artístico.

A discussão sobre a candidatura do diretor foi acalorada e, apesar de desconfiados, os artistas concordaram em apoiar sua candidatura. Quando o encontro terminou, Dominique me convidou para andar de carro com Biel, seu amigo íntimo e ator veterano da sua companhia. Com as sacolas em mãos, ao entrar no carro, Dominique disse: “Eu vou morrer aos sessenta anos, não vou chegar aos setenta!”³. Biel, ao seu lado, riu e comentou: “Por isso você quer reformar o João Gilberto, né?”. Concordando, o diretor respondeu: “Claro, tem que estar bonito!”. “Cara bonita, cu sujo!” acrescentou Biel, rindo. Esse episódio foi marcante no início do meu trabalho de campo com os atores e as atrizes do teatro juazeirense, especialmente, com a Companhia de Teatro Drama, por demonstrar essa forte conexão que tanto eles tinham entre si, quanto com o espaço.

Apesar da ênfase na figura de Dominique, eu percebi, ao longo da minha inserção, uma relação muito íntima entre os artistas da região e o Centro de Cultura João Gilberto. Como sintetizou Alex, um dos membros da Companhia Drama: “Aqui [no ‘João Gilberto’] é nossa casa!”. O interesse pela sua reforma era compartilhado por boa parcela dos artistas da região, em parte, pelo fato de ser o único espaço artístico de Juazeiro da Bahia, mas sobretudo – e aqui desenvolvo meu argumento central –, porque o “João Gilberto” se construiu como um espaço de produção de vivências de diversidade sexual e racial na região ao longo das últimas três décadas.

Defendo, portanto, que o Centro de Cultura João Gilberto pode ser interpretado como um “patrimônio cultural” relacionado a pessoas que são atravessadas por marcadores sociais da diferença, especificamente, sexualidade, gênero, raça/cor e território. Nesse sentido, exploro etnograficamente a relação especial entre o “João Gilberto” e os artistas da região, buscando demonstrar a maneira particular que essas pessoas dão sentido, relacionam-se e se constroem no espaço minoritário⁴, mas também como essa aproximação é constantemente tensionada,

³ À época da pesquisa, em 2019, Dominique tinha 52 anos de idade.

⁴ Recorro ao sentido de “minoritário” por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012): “Por maioria nós não entendemos uma quantidade relativa maior, mas a determinação de um estado ou de um padrão em relação ao qual tanto as quantidades

reivindicada e disputada como foi ironicamente sintetizado por Biel: “Cara bonita, cu sujo”. Esses debates estão em confluência com a perspectiva do patrimônio implicado na experiência e no cotidiano desses sujeitos. Nesse espaço, pessoas LGBTQI+⁵ e negras narram suas memórias, constroem suas identidades e tornam um lugar “público” parte de uma experiência “privada”. Delimito a questão da diversidade sexual, de gênero e racial por perceber que essas pessoas, especialmente, possuem uma relação íntima com o espaço. Observando, portanto, as intersecções entre sociabilidade, diversidade sexual, de gênero e racial e “lugar”, podemos observar outras nuances de vivência dos patrimônios culturais na contemporaneidade.

Patrimônio com as aspas: O “João Gilberto” no debate sobre “patrimônio cultural”

A discussão sobre “patrimônio cultural” na antropologia tem recebido especial atenção por parte dos pesquisadores brasileiros, tanto no âmbito da produção acadêmica, quanto no exercício técnico dos antropólogos brasileiros, a exemplo, na produção dos laudos antropológicos. Como afirma José Gonçalves (2015), a incessante produção antropológica sobre “patrimônio cultural” mobilizou uma série de discursos e saberes que são constantemente ressignificados por grupos, agentes e esferas sociais específicas. Equivalho a força política do “patrimônio cultural” semelhante ao conceito de “cultura” – ambos proliferados pela antropologia em momentos específicos, com finalidades próprias e repercussões diversas (muitas vezes, contraditórias).

Como mencionei no início do artigo, os artistas e os agregados do teatro juaizense costumavam se denominar como as “pessoas da ‘cultura’”. Por isso, a possível eleição de Dominique seria pela “bandeira da cultura”. Há um sentido particular no uso de “cultura” para essas pessoas. A “cultura”, para os artistas juaizenses, está relacionada às formas de arte e sua produção. É possível equivar a “bandeira da cultura” à “bandeira das artes”, sendo, sobretudo, um vocabulário que mobiliza articulações de poder – local e estatal. Como apontou Manuela Carneiro da Cunha (2009) sobre os múltiplos usos de “cultura”, a proliferação semântica do conceito não se limita ao sentido antropológico (sem aspas), mas a adaptações e transformações relacionadas a condições e necessidades locais, sendo, portanto, uma categoria não estabilizada. Semelhantemente, o “patrimônio cultural” não pode ser estabilizado, correndo o risco de virar “veneno” daquilo que seria “antídoto”.

É nessa instabilidade de conceitos largamente proliferados que “João Gilberto” pode contribuir para reflexões sobre diversidade sexual, de gênero e racial e território. Como busquei demonstrar ao longo do artigo, nos bastidores do “João Gilberto”, existe uma relação particular entre essas pessoas que “andam juntas” e o espaço do centro cultural. Como observa Izabela Tamaso (2019), para se estudar um “lugar”, é necessário se deixar levar com os sujeitos que o habitam cotidianamente, a forma que experimentam, que se sensibilizam. Por isso, o “lu-

maiores quanto as menores serão ditas minoritárias: homem-branco, adulto-macho, etc. Maioria supõe um estado de dominação, não o inverso. [...] Tentamos dizer as coisas de outro modo: não há devir-homem, porque o homem é uma entidade molar por excelência, enquanto que os devires são moleculares” (DELEUZE & GUATTARI, 2012: 92-94).

⁵ Acrônimo para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Intersexuais, Queers, entre outros sujeitos. Opto pelo uso desse acrônimo, embora saiba que a diversidade de experiências e identidades localmente produzidas vá além dessas definições. Em se tratando de uma quantidade considerável de pessoas, o acrônimo permite uma inteligibilidade dessas identidades em um sentido coletivo.

gar” é antes uma interseção complexa de vivências de variados grupos em variados momentos que só pode ser compreendido à medida que convivemos com as pessoas que ali habitam – por isso, a pesquisa etnográfica tem se tornado tão central nessa discussão. Narrar o patrimônio, assim, tem como ponto de partida experiências particulares, como afirma José Gonçalves (2007): “No registro do cotidiano, a narrativa do patrimônio tem como ponto de referência básico a experiência pessoal e coletiva dos diversos grupos e categorias sociais em sua vida cotidiana”. (GONÇALVES, 2007: 152)

O “João Gilberto”, nesse sentido, pode ser tomado como um patrimônio da “cultura” LGBTQI+ e negra local – é nesse espaço que essas pessoas narram sua memória, constroem suas identidades e tornam um lugar “público” parte de uma experiência “privada”. Delimito a questão da diversidade sexual, de gênero e racial por perceber que essas pessoas, especialmente, possuem essa relação íntima com o espaço – outras pessoas que, porventura, habitaram ou conviveram no espaço não se relacionaram da mesma maneira. A partir do momento que lançamos luz sobre as intersecções entre sociabilidade, diversidade sexual, de gênero e racial e “lugar”, podemos observar outras nuances de vivência dos patrimônios culturais.

O Centro de Cultura João Gilberto

Realizei meu trabalho de campo entre 2019 e 2020, antes de ser parcialmente interrompido por conta da pandemia da *covid-19*, referente ao meu mestrado em Antropologia. Durante esse período, acompanhei principalmente a Companhia de Teatro Drama, visitando diariamente os ensaios, realizando conversas informais e convivendo intensamente com os sujeitos que transitam nesses bastidores. A companhia é dirigida por Dominique Santana e foi fundada em 1991. Os espetáculos montados pela companhia são, em sua maioria, baseados em obras infantis ou baseados em obras literárias para o público infanto-juvenil, voltadas para as escolas de Juazeiro da Bahia e região, havendo exceções esporadicamente. Como os ensaios aconteciam diariamente no Centro de Cultura João Gilberto, o espaço se tornou um dos espaços que mais transitei no período.

O Centro de Cultura João Gilberto fica localizado no bairro Santo Antônio, em Juazeiro da Bahia, em uma avenida antes da Orla Nova da cidade, margeada pelo Rio São Francisco. O centro foi inaugurado em 1986 e ainda é o principal espaço artístico em funcionamento na cidade. Ao longo dos anos, o espaço recebeu espetáculos diversos a nível nacional, envolvendo dança, teatro, apresentações musicais e outras formas de arte. Cercada por uma pequena grade e um jardim com vegetações locais, sua estrutura é composta por um palco italiano, que se encontra interdito por conta de reformas, uma concha acústica, onde existe o teatro de arena, três salas de ensaio, uma sala de exposição e uma galeria/*foyer*, além de um amplo espaço de garagem onde passávamos horas conversando e fumando cigarros. Seu nome homenageia o cantor juazeirense, precursor da bossa nova, João Gilberto.

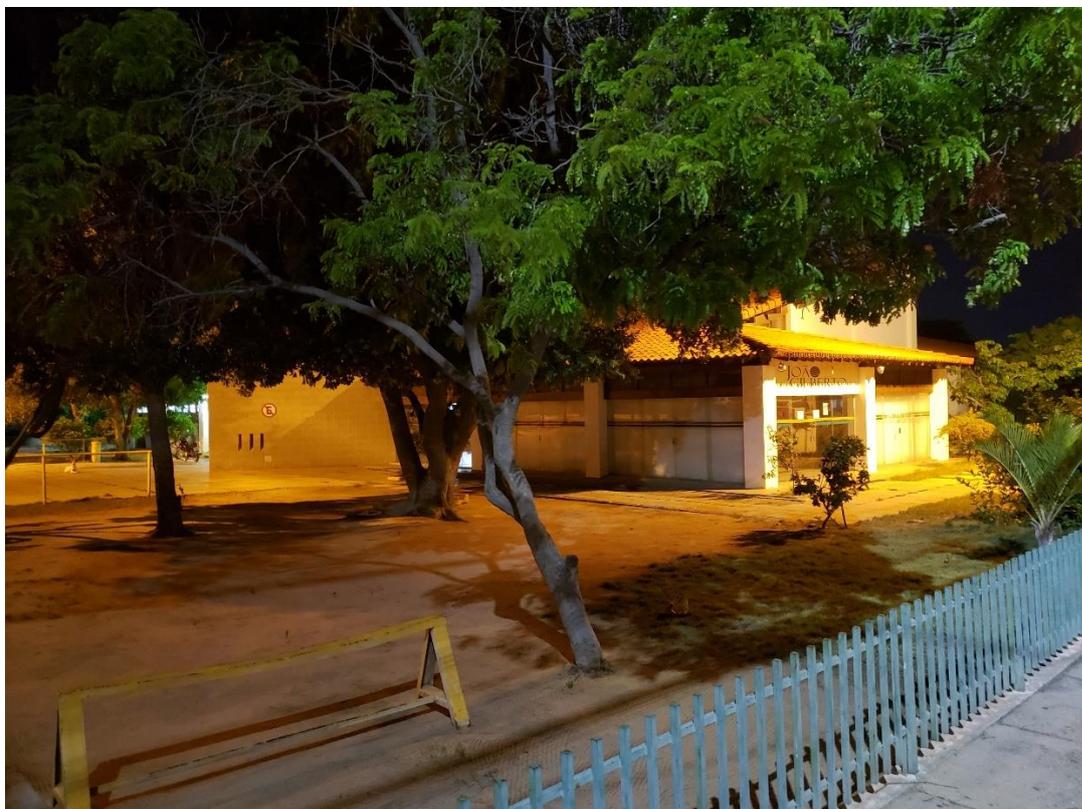


Figura 1 – Entrada do Centro de Cultura João Gilberto. Foto do autor, 2021.

Atualmente, o centro se encontra em estado de depredação. Essa é uma das principais queixas dos artistas que frequentam diariamente o espaço. Por conta da calamitosa situação do teatro interno, durante o período em que estive em campo, a exemplo, não houve espetáculos no espaço – situação que se estende no ano de 2022. A área do palco e das arquibancadas estavam com madeira velha e desgastada, a iluminação estava fraca, a sonorização possuía defeitos, além da refrigeração ser insuficiente. O Centro de Cultura João Gilberto é administrado pela Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, de modo que as indicações à diretoria do espaço envolvem indicações políticas, no entanto, também envolvem os artistas que frequentam o espaço, relacionado à maneira particular que essas pessoas têm com o centro. Por isso, como discutirei mais adiante, essas relações de poder não se limitam à decisão da secretária, ainda que seja um espaço público, implica antes em um imbricamento de complexas relações que borram os limites entre público e privado.

“Fez teatro, ou era viado, maconheiro, puta ou vagabundo”: algumas considerações sobre sociabilidade e diversidade de gênero, sexualidade e racialidade no interior da Bahia

Apesar da situação do “João Gilberto”, o espaço ainda é um importante lugar de sociabilidade de jovens, principalmente, LGBTQI+ e negros em situação de baixa renda. Assim, para compreender a relação do Centro de Cultura João Gilberto às pessoas que me referencio, é necessário contextualizar Juazeiro e região no âmbito da sociabilidade de pessoas atravessadas por marcadores sociais da diferença, especialmente, relacionados ao gênero, à sexualidade e à racialidade. Milton, um dos atores veteranos, disse-me que era comum ouvirem a seguinte expressão: “Fez teatro, ou era viado, maconheiro, puta ou vagabundo!”. Embora seja uma generalização estereotipada dos membros do teatro, existe, em certa medida, um imaginário popular compartilhado sobre o teatro nessa frase, o que, por sua vez, indica que é um espaço onde pessoas atravessadas por marcadores sociais específicos, como raça/cor, gênero, sexualidade, frequentam e podem se aproximar. Milton, que é um ator negro e gay, me disse que o “João Gilberto” é um lugar de se encontrar, se entender e reagir – como um “abrigo” sobretudo para jovens da região, mas que perdura ao longo de suas vidas.

Ainda que as cidades-irmãs, Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), sejam consideradas cidades de médio porte⁶, os espaços de sociabilidades cotidianas voltados para o público LGBTQI+ e negro são dissipados e concentram-se em áreas de produção artística, tornando-se, assim, espaços de expressão de diversidade de gênero, sexualidade e racialidade/cor. Esses espaços se tornam lócus propícios para aproximação, vivência de experiências e construção de subjetividades. Na região, nas últimas décadas, o Centro de Cultura João Gilberto se tornou esse espaço de referência para a expressão das diversidades. Como era mencionado, as memórias relacionadas ao espaço constantemente emergiam em suas narrativas – iam desde concursos de dragqueen, que participaram, como o Victor/Victoria, cuja relevância é ímpar na região, até peças teatrais em que atores se apresentaram nus pela primeira vez, causando furor no público.

Em nossas conversas, os atores veteranos costumavam rememorar experiências vividas no “João Gilberto”. A década de 1990, por exemplo, era constantemente mencionada por ser o momento em que havia os festivais de teatro no espaço. Naquele momento, houve um *boom* das produções teatrais dos artistas à época, em sua grande maioria, negros e homossexuais. Girlene, uma das artistas que participaram da feijoada de Dominique, me disse que, na época em questão, o teatro era o espaço que agregava os jovens gays: “Os gays se manifestavam no teatro, né?”. Essas experiências eram experimentadas no Centro de Cultura João Gilberto junto com a produção artística – nas montagens, nos ensaios, nos bastidores, nos espetáculos. A sociabilidade de artistas da região, na década de 1990, acontecia fortemente dentro das paredes do centro cultural, onde, igualmente, essas pessoas podiam expressar e experimentar sua sexualidade, seu gênero e sua raça/cor.

⁶ Municípios urbanos cuja população se situa entre 100 a 500 mil habitantes.

Atualmente, o cenário é semelhante ao da década de 1990, embora a quantidade de espetáculos tenha se limitado consideravelmente⁷, sobretudo, para a sociabilidade juvenil LGBTQI+ e negra da região. Nos ensaios, por exemplo, era comum conhecer pessoas que não tinham relação direta com as peças teatrais, mas gostavam de estar presente ali. Para essas pessoas, o “João Gilberto” é um espaço de construção e experimentação de si, ao mesmo tempo, que essas pessoas reatualizam e reconstróem os significados do espaço. Ainda que eu tenha crescido em Juazeiro da Bahia, eu nunca vivenciei um espaço em que a sexualidade fosse vivida tão intensa e deliberadamente. Não é de se estranhar que todos frequentem com tanto desejo esses bastidores. O “João Gilberto” era um espaço em que percebia a construção de solidariedade e filiações entre essas pessoas. Retomo a frase de Milton para reflexão: em certa medida, os estereótipos acionados referem-se a pessoas que experimentam e constroem identidades para além de uma matriz cisheteronormativa e “conservadora” da cidade.

Esther Newton (2000) elabora uma interessante reflexão sobre a relação entre vida homossexual e o teatro. Traçando a história do teatro no Grove, Newton (2000) percebe uma silenciosa parceria entre homossexualidade e o teatro por conta de seus conflitos com as igrejas cristãs, desembocando na sua concepção acerca do teatro como uma “anti-igreja gay”. Newton (2000) toma o teatro como essa “anti-igreja gay” para apontar para as funções sociais de filiação e solidariedade nesses espaços, bem como o fornecimento de uma iconografia e uma sensibilidade para o homoerotismo, que as igrejas sempre trabalharam em oposição. A antropóloga sintetiza:

por causa da inimizada bíblicamente justificada em relação à sodomia, os gays foram alienados do cristianismo e perseguidos por ele; eles buscaram alternativas de resistência na teatralidade como um *ethos* e o teatro como instituição, e é por isso que eu chamo de teatro uma ‘anti-igreja’ gay – uma Arca de Noé queer contra o fluxo de dominação. (NEWTON, 2000: 35-6, tradução minha)

Embora os contextos etnografados sejam distintos, considero que essa reflexão de Newton (2000) contribui à reflexão sobre os bastidores do “João Gilberto”. No teatro, percebi a construção de solidariedade e filiações entre essas pessoas. Dominique, como a atriz *mor*, por exemplo, construiu uma rede de solidariedade e conexões entre diversas pessoas que transitam na Companhia Drama composta por atores que frequentam o espaço desde criança a amigos de longas datas. Por isso, a memória de muitas pessoas LGBTQI+ da região está fortemente atrelada a experiências no teatro que, embora tenha tido mais força no passado, atravessa as décadas como um espaço decisivo na sociabilidade dessas pessoas. Recorro à formulação de Michael Pollak (1992) sobre a memória como algo que deve ser compreendido como um fenômeno coletivo/social. Como um “lugar da memória”, o “João Gilberto” é comumente citado como parte da vida dessas pessoas, ocupando um lugar especial no imaginário social LGBTQ+ negro da região.

A capacidade de aglutinar, criar conexões e laços íntimos entre pessoas LGBTQI+ e negras do “João Gilberto” foi bastante perceptível em minha experiência de campo e me chamou atenção decisivamente para o desenvolver da minha etnografia (GOMES VARJÃO, 2021). Essa experiência com o centro de cultura atravessava tanto gerações quanto atores diversos – perpassa as experiências do “passado” e do “presente”, também vislumbrando experiências por vir, ou seja, do

⁷ Esse é um dos motivos pelos quais eu acompanhei com mais afinco a Companhia de Teatro Drama. Mesmo com essa redução das produções, essa é uma das poucas companhias que permanece ativa na região, agregando uma considerável quantidade de pessoas LGBTQI+ e negras.

“futuro”. Essa relação íntima com o “João Gilberto” se dá, sobretudo, pela durabilidade e intensidade dos laços construídos no espaço. Como esses jovens atores iniciam sua vida artística ainda criança⁸, há um entrelaçamento de suas primeiras experiências juvenis com o espaço: primeiras relações afetivas e sexuais, primeiro consumo de bebidas alcoólicas e “drogas”, compreensão e experimentação de sua sexualidade, bem como sua entrada informal no mercado de trabalho (ainda que os pagamentos variassem). Além disso, no teatro, existem longas jornadas de ensaios, os quais implicavam em uma presença constante e diária no espaço. Por isso, a frase mencionada por Alex não é meramente uma metáfora (“Aqui é nossa casa!”). Assim, o “João Gilberto” deve ser tomado como um espaço de construção e experimentação da diversidade sexual, de gênero e de cor/raça, imbricado diretamente na vida dessas pessoas.

Formas de habitar o “João Gilberto”: imbricando a “casa” e a “rua”

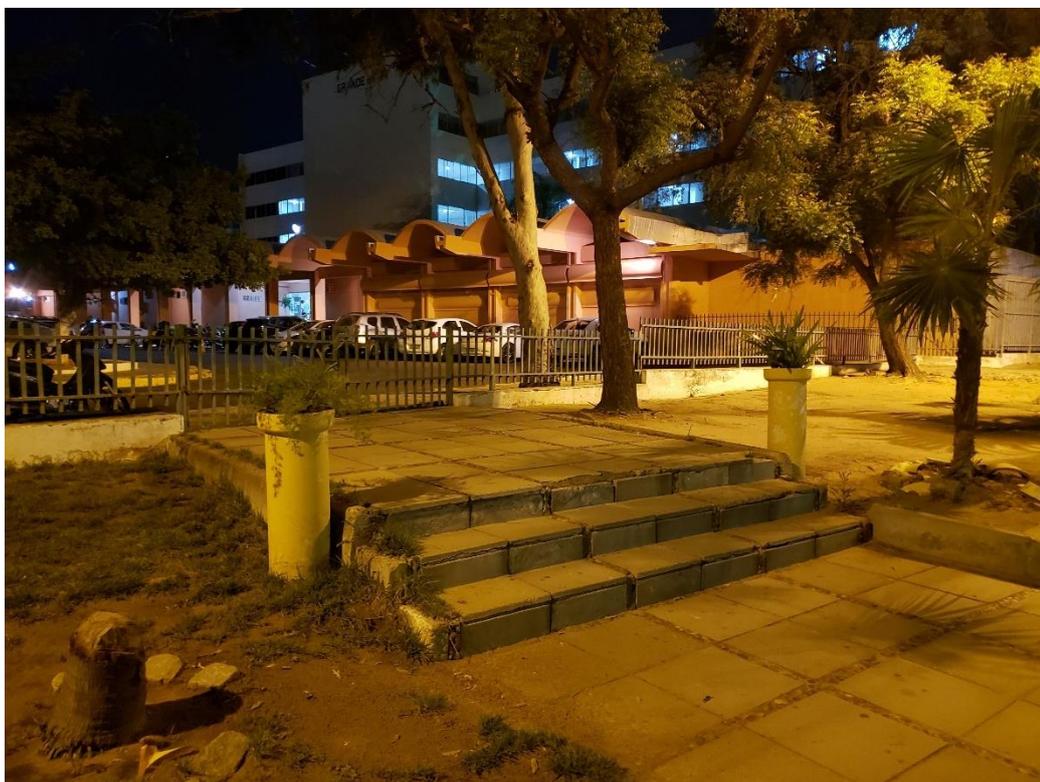


Figura 2 – A “escadinha” do Centro de Cultura João Gilberto. Foto do autor, 2021.

Durante os ensaios que acompanhei da Companhia Drama no “João Gilberto”, era comum que, nos intervalos, alguns dos atores fossem à “escadinha” do espaço, localizado na garagem, onde conversavam e fumavam cigarros. À época da montagem do espetáculo Peter Pan, Alex, uma das pessoas que mais me aproximei durante o trabalho de campo, comentava comigo sobre como seriam trabalhosas as apresentações do Teatro-Educação⁹. Nós nos sentamos na escadinha,

⁸ Quando estive em campo, majoritariamente, os jovens iniciavam suas primeiras apresentações com, no mínimo, dez anos de idade – variando a depender dos espetáculos.

⁹ “Teatro-Educação” é um projeto desenvolvido por Dominique e consiste em espetáculos voltados para as escolas públicas e privadas de Juazeiro/BA e Petrolina/PE, que são apresentados em temporadas no decorrer do ano. O projeto não é financiado por nenhum meio público e é o principal sustento financeiro do grupo.

ele acendeu um cigarro e disse: “Teatro-Escola vai ser babado, viu?!”. Quando questionei o motivo, ele disse que o projeto é muito cansativo e que não seria no “João Gilberto”. Por conta da situação do teatro, a Companhia Drama precisou se apresentar em Petrolina/PE. Alex disse que preferia que fosse no “João Gilberto”: “aqui é nossa casa!”. Sua frase lança luz sobre a relação que os artistas dali têm com o espaço. Mais do que meramente um espaço público, administrado pelo Estado, o “João Gilberto” se constrói no cotidiano dessas pessoas como um espaço “familiar”.

A própria maneira de mencionar o centro serve como exemplo para demonstrar essa relação: o “João Gilberto”. Há, em certa medida, uma “pessoalização” do espaço, a partir dessas pessoas. Como reflete João de Piña-Cabral (2005: 2), a nomeação é um momento de consolidação nos laços afetivos entre pessoas, por isso, “os nomes funcionam como marcas de relações afetivas e, por conseguinte, como sinalizadores emocionais”. No cotidiano, esses artistas raramente chamavam o espaço pelo seu nome institucional – ou fazendo referência ao seu espaço físico, como “centro de cultura”. Ao contrário, majoritariamente, o centro era mencionado como o “João Gilberto”, tendo seu “nome próprio” evocado no cotidiano dos artistas. Há nessa maneira de nomear um aspecto relacional que borra e complexifica a dicotomia entre público e privado. Por isso, chamar o espaço de “casa” faz sentido para os membros, afinal, suas relacionalidades (CARSTEN, 2000) são construídas nos bastidores desse lugar.

Isso parece se diferenciar substancialmente de concepções acerca de “rua” e “casa”, fundamentadas por Roberto DaMatta (1997). A partir do conceito analítico de espaço, o antropólogo elabora uma concepção sobre o valor simbólico da “casa” e da “rua” ao “pensamento brasileiro”. A “casa” e a “rua”, segundo DaMatta (1997) seriam esferas de ação social específicas, entidades morais próprias e diferenciadas¹⁰. Na conceituação de DaMatta (1997), a “casa” estaria ligada à intimidade, ao afeto, à família; a “rua” seria um espaço constantemente invadido por indivíduos anônimos e desgarrados, lugar de hostilidade e inflexibilidade. Para quem vive o “João Gilberto”, seu espaço, aparentemente público, imbrica-se com as concepções dos artistas sobre a “casa”, ou seja, o lugar onde se vivencia a intimidade, o afeto e a relacionalidade. Nesse sentido, a experiência de pessoas atravessadas por marcadores sociais da diferença – sexualidade, gênero, raça/cor e território –, embaralha a clássica dicotomia entre “casa” e “rua”, por conseguinte, borra divisão entre público e privado.

Essa relação íntima com o espaço se reflete em maneiras variadas de habitar o “João Gilberto”. À medida que minha relação se tornava mais constante nos bastidores dos espetáculos, era comum que eu ouvisse a expressão “andar junto” para designar as relações de proximidade entre as pessoas que vivenciavam o espaço. “Andando junto” eles descreviam nativamente uma forma de relacionalidade (Carsten, 2000) que emergia dos bastidores do “João Gilberto”. A expressão, na maioria das vezes, envolvia relações “positivas”, ou seja, que englobavam sentimentos como carinho, amizade e afeto mútuos, no entanto – e, por isso, caracterizo-a como uma forma de relacionalidade – também envolvia relações indesejáveis. Como indica Carsten (2014), a relacionalidade é uma relação especial que envolve e imbrica vidas de pessoas, no entanto, essas conexões também são perpassadas por relações ambivalentes ou negativas, sem restringir-se à “escolha”

¹⁰ “Quando digo então que ‘casa’ e ‘rua’ são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas” (DAMATTA, 1997: 8).

individual. O “andar junto”, assim, pode ser tomado como uma relacionalidade que vai além da individualidade, embora não esteja desassociado inteiramente, e que possui uma centralidade nas experiências vivenciadas no “João Gilberto”, justamente, por ser este um lugar que borra (ou imbrica) a diferença entre a “casa” e a “rua”.

Esse imbricamento, ocorrido no “João Gilberto”, fazia-o tornar-se palco de disputas constantes entre aqueles que se sentiam “em casa”. Era comum, por exemplo, que as indicações em relação à diretoria do centro envolvessem um caloroso e conflituoso debate entre os artistas que mais circulavam no espaço, ainda que a decisão fosse do setor político. Esses conflitos envolviam fortemente uma questão geracional, pois os artistas que viviam os bastidores do espaço, desde sua inauguração, possuíam uma relação íntima e de maior influência, segundo eles – o que os diferenciava dos jovens que haviam chegado a menos tempo. Essas relações, que na maioria das vezes envolvia brigas e intrigas, fazem em certa medida o “João Gilberto” ser constantemente reanimado nas experiências e nas vivências desses artistas, sobretudo por uma rede de pessoas LGBTQI+ negros que ainda o tomam como um local de referência na região.

Essa suposta ambivalência, que borra o “público” em relação ao “privado”, chamou-me atenção por envolver tão intensamente as pessoas cujas identidades são constantemente marginalizadas e segregadas em uma sociabilidade mais ampla. Seguindo uma interpretação da frase de Milton (“Fez teatro, ou era viado, maconheiro, puta ou vagabundo”), o teatro agregava pessoas cujas identidades não podiam ser expressas ou vivenciadas sem represália ou violência fora de seus bastidores, por isso, o espaço acabava por se tornar suas “casas”. “Andando junto” no “João Gilberto”, essas pessoas podiam se aproximar, proteger-se e construir suas subjetividades, possibilitando que a dureza da vida fosse amenizada a partir de laços de amizade, solidariedade e mutualidade. Essa maneira particular de vivenciar o “João Gilberto” abre espaço para uma reflexão mais ampla sobre a relação entre diversidade sexual, “patrimônio cultural” e território.

Considerações finais: o mal-estar da “perda” e o “João Gilberto”

A partir da argumentação deste artigo, não pretendo defender que todo espaço de sociabilidade LGBTQI+ e negra seja considerada como “patrimônio cultural”, mas que esse reconhecimento poderá possibilitar que memórias relacionadas às vivências de pessoas historicamente marginalizadas sejam valorizadas, reconhecidas e, por assim dizer, humanizadas. José Gonçalves (2015) produz uma poderosa crítica ao medo ocidental em relação à “perda” – o mal-estar do patrimônio, em suas palavras. Embora saiba que sua crítica se refira a uma obsessão antropológica ocidentalizante, não posso deixar de pensar que a “perda” é parte do vocabulário indesejado de vivências LGBTQI+ e negras no contexto brasileiro. Afinal de contas, não é justamente essa população que convive diariamente com as mais variadas perdas?

Quando nos atentamos a etnografar o “João Gilberto” e às pessoas que o habitam, podemos observar que existe uma relação entre diversidade de gênero, sexualidade e racialidade e “território”. Como mencionei, Juazeiro da Bahia e região possuem poucos espaços voltados para a sociabilidade cotidiana dessas pessoas, o que torna o “João Gilberto” um lugar especial para eles. Considero, portanto, que o “João Gilberto” pode ser refletido como um “patrimônio cultural” relacio-

nado às vivências LGBTQI+ e negras da região – em seu interior, existem memórias, vivências, relações particulares, identidades e subjetividades dando sustentação à sua arquitetura. Não é de se estranhar, por exemplo, que Dominique diga que, antes de morrer, fará de tudo para que haja uma reforma no centro: “Tem que estar bonito” para quando ele for embora, porque aquele espaço é parte de sua vida; o “João Gilberto” é também sua casa.

Observar o “João Gilberto” e a relação que esses artistas LGBTQI+ negros constroem com o espaço permite que vislumbremos a maneira pela qual sociabilidade, diversidade sexual, de gênero e racial e “lugar” estão intimamente correlacionadas. Para compreender a experiências dessas pessoas em uma região “interiorana”, é igualmente relevante compreender os significados que elas dão aos espaços e às reformulações que constroem ao longo de suas vidas. Como um espaço constantemente atravessado por tensões relacionadas à geração, à raça/cor, gênero e sexualidade, mas – talvez justamente por isso – também como um espaço de constante experimentação desses marcadores, o “João Gilberto” se tornou um marco da experiência LGBTQI+ negra da região, aglutinando gerações que viveram o lugar.

Nos bastidores do “João Gilberto”, há uma relação particular entre essas pessoas que “andam juntas” e o espaço do centro cultural. Como observa Izabela Tamasso (2019), para se estudar um “lugar”, é necessário se deixar levar com os sujeitos que o habitam cotidianamente, a forma que experimentam, que se sensibilizam. Por isso, o “lugar” é antes uma interseção complexa de vivências de variados grupos em variados momentos que só pode ser compreendido à medida que convivemos com as pessoas que ali habitam – por isso, a pesquisa etnográfica tem se tornado tão central nessa discussão. Narrar o patrimônio, assim, tem como ponto de partida experiências particulares, como afirma José Gonçalves (2007): “No registro do cotidiano, a narrativa do patrimônio tem como ponto de referência básico a experiência pessoal e coletiva dos diversos grupos e categorias sociais em sua vida cotidiana”. (GONÇALVES, 2007: 152).

A reivindicação contemporânea acerca de uma reforma ao espaço parece demonstrar com mais força a presença desse espaço da vida dessas pessoas, sobretudo, pelo mal-estar de “perder” um espaço tão importante em suas vidas. Muito embora existam as brigas, os conflitos e os desentendimentos, o “João Gilberto” os une em um propósito comum: sua reforma e, em alguma medida, a perduração daquelas experiências. Entrecruzam-se, portanto, particularidades referentes à “territorialidade”, “patrimonialização” e “memória” na sociabilidade de pessoas atravessadas por marcadores sociais da diferença específicos.

O “João Gilberto”, portanto, pode ser tomado como um patrimônio da “cultura” LGBTQI+ e negra da região que tanto exprime uma experiência particular de diversidade sexualidade, racial e de gênero, quanto permite uma reflexão mais ampla sobre a maneira que patrimônios são construídos por pessoas atravessadas por determinados marcadores sociais da diferença. Essa constatação implica em observar com maior acuidade e sensibilidade os sentidos que as pessoas dão aos lugares em suas experiências de vida, sobretudo, quando essas experiências são marcadas por violências, segregações e perdas. Quando questionei a Milton o lugar do “João Gilberto” e do teatro em suas vidas, ele sintetizou de maneira singular essa experiência: “O ‘João Gilberto’ é lugar de se encontrar, se entender, reagir. Lugar de fala. Reduto. Abrigo”. Mais do que um espaço de produção de arte, o “João Gilberto” é também um lugar de produção de experiências, subjetividades e identidades de pessoas LGBTQI+ negras de Juazeiro da Bahia e região.

Agradecimentos

Agradeço aos queridos amigos pela leitura e provocação na escrita deste artigo, em especial, Gabriela Lages Gonçalves, Igor Erick, Anne Monteiro Alencar, Maira Damasceno da Silva Santana e João Caetano Brandão Andrade.

Recebido em 31 de março de 2022.

Aprovado em 30 de abril de 2022.

Referências

- CUNHA, Manuela Carneiro da. “Cultura’ e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais”. In: *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.
- GOMES VARJÃO, João Victor. *Andando junto: Relacionalidade LGBTQ+ e o parentesco*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal da Bahia, 2021.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Coleção Museu, Memória e Cidadania, 2007.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. *Estudos Históricos*, 28 (55): 211-228, 2015.
- NEWTON, Esther. “Theater: Gay Anti-Church – More Notes on Camp [1992/1999]”. In: *Margaret Mead Made Me Gay: Personal Essays, Public Ideas*. Durham, NC: Duke University Press, 2000.
- PINA-CABRAL, João de. O limiar dos afectos: algumas considerações sobre nomeação e a constituição social de pessoas. *Conferência de abertura do PPGAS/Unicamp*, 2005.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5 (10), 1992.
- TAMASO, Izabela. “Notas sobre o estatuto da noção de lugar na obra do antropólogo Antonio Arantes”. In: TAMASO, Izabela; GONÇALVES, Renata de Sá; VASSALLO, Simone (orgs.). *A antropologia na esfera pública: patrimônios culturais e museus*. Goiânia: Ed. Imprensa Universitária, 2019.

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

A Aceno recebe em
FLUXO CONTÍNUO,
artigos livres,
resenhas,
ensaios fotográficos,
dossiês (propostas).
Interessados em atuar como
pareceristas
podem realizar seus cadastros no site